

**TELENOVELA, REPRESENTAÇÃO E NEGRITUDE:
UMA REFLEXÃO SOBRE A MEMÓRIA¹**

**SOAP OPERA, REPRESENTATION AND NEGRITUDE:
A REFLECTION ON MEMORY**

Samara Araújo da Silva²

Resumo

É relevante o fato das telenovelas influenciarem as concepções de representações sociais, atingindo a visão que temos sobre nós e também do outro. O artigo apresenta discussões referentes aos seguintes eixos: etnicidade e identidade, telenovelas, estereótipos, representação e memória. Agrega a essa discussão a criação da lei do Estatuto da Igualdade racial promulgada no ano de 2010 como tentativa de maior equidade entre negros e brancos. Questiona-se como a representação depreciativa dos negros podem influenciar na formação identitária, no imaginário social coletivo e também nas reformulações e resgates da memória. Tal reflexão tem como fundamento o grande alcance das redes televisivas e o alto consumo de telenovelas no Brasil.

Palavras-chave: Telenovela. Representação. Negritude e Memória.

Abstract

It is relevant that telenovelas influence the conceptions of social representations, reaching the vision we have about us and also the other. The article presents discussions on the following axes: ethnicity and identity, soap operas, stereotypes, representation and memory. Added to this discussion is the creation of the Statute of Equality Act promulgated in 2010 as an attempt for greater equity between blacks and whites. It is questioned how the depreciative representation of the blacks can influence in the formation identity, in the collective social imaginary and also in the reformulations and rescues of the memory. This reflection is based on the great reach of television networks and the high consumption of soap operas in Brazil.

Keywords: Soap opera. Representation. Negritude and Memory.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Memória e Vínculos Comunicativos, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

² Mestranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Temporalidades na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), graduada em Jornalismo também pela Universidade Federal de Ouro Preto e bolsista PROPP. E-mail: samara.araujo@aluno.ufop.edu.br

O problema identitário na representação do negro

Segundo Stuart Hall (2013), a identidade não está inteiramente preenchida dentro de nós, mas é também construída pela maneira como somos representados ou vistos pelos outros. Sendo assim, o tratamento que a população negra recebe e o papel que ela ocupa nos meios e processos midiáticos reflete “consequentemente” uma relação histórica e social de défices e preconceitos perpetuados.

O Brasil é um país miscigenado com predominância negra em que a aparência e a tonalidade de pele (mais clara ou escura) pode vir a definir as convivências e relações ao longo da vida do sujeito. As representações midiáticas são influenciadoras diretas na construção do imaginário social.

Portanto, o reforço do preconceito não é verbal, está na construção das narrativas, em sua estética e em seus valores. Continuamos acreditando que o belo é branco e que o negro representa um componente populacional ligado ao atraso e à feiúra, em decorrência das persistência de uma mentalidade colonial. (Araújo, 2006, p. 33).

Apesar da formação nacional ser multirracial e plural, não é o que se identifica nas produções midiáticas, em que os padrões europeu e americano são os explorados. Segundo Sansone (2003), o processo de transformação da cultura negra num fator mercantil de caráter nacionalista no Rio de Janeiro, girou entre duas instituições: o samba e o carnaval. A aparição do negro na mídia se restringe “em sua maioria” ao período do Carnaval, quando o corpo do afro-brasileiro é apresentado de maneira sexista, folclórica e estereotipada, em papéis determinados a pessoas de pele negra, como a atuação de personagens escravos. Para Bhaba o ato de estereotipar é:

O ato de estereotipar não é o estabelecimento de uma falsa imagem que se torna bode expiatório de práticas discriminatórias. É um texto muito mais ambivalente de projeção e introjeção, estratégias metafóricas ricas e metonímicas, deslocamento, sobre determinação, culpa, agressividade, o mascaramento e cisão de saberes “oficiais” fantasmáticos para construir as posicionalidades e oposicionalidades do discurso racista. (Bhabha, 2005, p. 125).

Araújo (2000) conclui que o negro quase nunca está presente nas telenovelas nacionais. E quando são incluídos, recebem papéis subalternos, realizando ofícios braçais, com narrativas hiperssexualizadas, reforçando a ideia de uma inferioridade intelectual.

Em poucos trabalhos identificamos atores negros nos papéis principais, de protagonistas ou antagonistas. [...] Se o personagem criado pelo autor não receber, na sinopse, referências sobre o seu pertencimento racial, o ator branco tende a ser escolhido. O afrodescendente só terá a sua oportunidade assegurada se existirem rubricas que evidenciem a necessidade de um ator negro. Se na construção do personagem for destacado um tratamento estereotipado, recorrendo aos arquétipos da subalternidade na sociedade brasileira, aumenta a possibilidade de construção para o ator negro. De um modo geral, ao ator afro-brasileiro estão reservados os personagens sem, ou quase sem, ação, os personagens passageiros, decorativos, que buscam compor o espaço da domesticidade, ou da realidade das ruas, em especial das favelas. (Araújo, 2006, p. 117)

A estética do branqueamento nas telenovelas segue o mesmo princípio adotado por alguns publicitários, produtores e roteiristas brasileiros. O negro não é o público alvo dos comerciais de venda e outras produções, pois criou-se a ideia de que essa população não possui poder aquisitivo de compra, logo, não teria motivos para a inserção de campanhas em que os negros desenvolvessem relações de pertencimento e, também, a participação como atores. Além disso, há a rejeição estética por parte dos receptores.

Empresários, publicitários e produtores de tevê, como norma, optam pelo grupo racial branco, nos processos de escolha dos modelos publicitários, na estética da propaganda e até mesmo nos critérios de patrocínio ou apoio a projetos culturais. É uma constante a negativa de incentivo cultural aos programas de tevê voltados para a população afro-brasileira, normalmente sob a alegação de não haver retorno comercial. O empresário brasileiro, em sua grande maioria, não acredita que o negro seja uma força econômica. Na lógica dessa maioria, preto é igual pobre, que é igual a consumo de subsistência. (Araújo, 2006, p. 39).

O ideal de branqueamento tem a mídia como auxiliadora no sentido de oferecer um padrão estético como único e homogêneo, não levando em consideração as heranças sociais, culturais e éticas de um povo. Segundo Muniz Sodré (1999), a identidade pode ajudar a politizar os conflitos, criando possibilidades de representação das subjetividades junto ao espaço regido pelo Estado.

Algumas políticas públicas foram pensadas com o propósito de resgatar o pertencimento identitário e suprir alguns défices que perpassam gerações. Esses, por sua vez, refletem problemas sociais e estruturais de nosso meio. No início dos anos 2000, existia uma forte discussão no país sobre a lei que seria capaz de garantir um dos maiores avanços sociais e políticos no que se refere a direitos e igualdade racial. *O Estatuto da Igualdade Racial*³ foi sancionado pelo presidente na época, Luís Inácio Lula da Silva, em julho de 2010. Contudo,

³ Estatuto da Igualdade Racial: é uma lei brasileira promulgada em 2010 pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva. Trata-se de um conjunto de regras e princípios jurídicos que visam a coibir a discriminação racial e a estabelecer políticas para diminuir a desigualdade social entre os diferentes grupos raciais.

ao longo desses anos de intensas batalhas e reivindicações, o estatuto passou por uma série de modificações que alteraram diretamente sua proposta final.

A sua aprovação se deu em um acordo entre governo e a oposição, que não concordava com algumas das exigências do projeto. A regularização de terras quilombolas, uma espécie de “cotas” e um percentual obrigatório de atores negros e figurantes em novelas e programas de TV foram retirados do Estatuto. Apesar das limitações e recortes, ele foi visto como uma grande conquista e um passo adiante no longo caminho na busca de um país mais justo.

Art. 44. Na produção de filmes e programas destinados à veiculação pelas emissoras de televisão e em salas cinematográficas, deverá ser adotada a prática de conferir oportunidades de emprego para atores, figurantes e técnicos negros, sendo vedada toda e qualquer discriminação de natureza política, ideológica, étnica ou artística (Estatuto, 2010)

O *Estatuto da Igualdade Racial*, com o texto final sancionado pelo presidente Lula após quase um ano de sua aprovação no Congresso, exclui quaisquer tipo de cotas, o que “para especialistas” era parte fundamental, que realmente garantiria a igualdade entre negros e brancos. O texto final passou por significativa alteração comparando-se à proposta inicial. Existem os que defendem que ele contribui de certo modo, outros pesquisadores, entretanto, acreditam que ele não atendeu às necessidades da população negra, como destaca o antropólogo Kabengele Munanga (2010).

O documento foi praticamente desfigurado. O fato de reconhecerem que há preconceito no Brasil e que algo precisa ser feito já é alguma coisa. Mas o texto não contempla a expectativa da população negra, porque um dos problemas do Brasil – a ausência de igualdade – foi removido. (Munanga, 2010, p. 67)

A aplicação de políticas públicas como a do estatuto, poderiam auxiliar na discrepância de papéis entre negros e brancos nas telenovelas e demais ficções seriadas . As representações e suas narrativas, são de certo modo, agentes na formação das memórias. Discutiremos mais adiante sobre essa relação e afetações. Antes iremos discutir um pouco sobre a telenovela no Brasil.

A Telenovela brasileira

A telenovela possui atuação distinta dos demais programas televisivos como os, filmes, espetáculos, programas de entretenimento e outros. A performance dos personagens, produtos consumidos, modas lançadas, assim como seus bordões, alcançam o telespectador e podem se tornar referências nos modelos e construções identitárias. De acordo com Lopes (2013), a televisão, como parte integrante da família, torna as cenas, personagens e os acontecimentos das telenovelas como algo cotidiano. Esse processo reflete a forma que os indivíduos se apropriam de determinados acontecimentos, elaborando e incorporando à sua memória elementos, personagens, músicas, rituais, histórias e visões de mundo.

As novelas, como outros produtos midiáticos de presença diária na vida do brasileiro, possuem consumo popular em massa e participam ativamente da construção da realidade e do imaginário social como afirma Motter:

A telenovela pode ser considerada, no contexto brasileiro, o nutriente de maior potência do imaginário nacional e, mais que isso, ela participa ativamente na construção da realidade, num processo permanente em que ficção e realidade se nutrem uma da outra, ambas se modificam, dando origem a novas realidades, que alimentarão outras ficções, que produzirão novas realidades. O ritmo dessas transformações passa a ser a questão. (Motter, 2003, p. 174)

É de extrema relevância a atuação da mídia no imaginário social. As ficções seriadas podem influenciar nas concepções de representações sociais, atingindo diretamente a visão que temos sobre nós e também sobre outro. A ficção seriada pode contribuir na construção da realidade, memória e identidade social.

A presença central da televisão em um país situado na periferia do mundo ocidental poderia ser descrita como mais uma singularidade de uma nação que, ao longo de sua história, foi representada, reiteradamente, como uma sociedade de contrastes acentuados, entre riqueza e pobreza, modernidade e arcaísmo, sul e norte, litoral e interior, campo e cidade. Se é verdade que a televisão está implicada na reprodução de representações que perpetuam diversos matizes de desigualdade e discriminação, também é verdade que ela possui uma penetração intensa na sociedade brasileira, devido a sua peculiar capacidade de alimentar um repertório compartilhado de sentidos por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexos, etnias e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras. (LOPES, 2013, p. 2).

Em uma via dupla, as telenovelas, interferem, influenciam e participam da construção do imaginário social, ao mesmo tempo que utilizam elementos da realidade para consolidar e perpetuar discursos e produções tradicionais. No caso da representação do negro, é notável

uma perpetuação de discursos muitas vezes envoltos em preconceitos e estereótipos pré-concebidos de um contexto histórico e social.

O Efeito na Memória

De acordo com Lopes (2010), os telespectadores sentem-se participantes das novelas e mobilizam informações que circulam em torno deles no seu cotidiano. As relações do público com as novelas são mediadas por uma variedade de instituições, pesquisas de audiência, relações pessoais, contatos diretos com autores, além da imprensa e da mídia especializada e, mais recentemente, por dispositivos da internet.

A circulação dessas informações e comentários atingem também aqueles que só de vez em quando ou raramente assistem às novelas. Vejamos:

As pessoas, independentemente de classe, sexo, idade ou região acabam participando do território de circulação dos sentidos das novelas, formado por inúmeros circuitos onde são reelaborados e ressemantizados. Isto leva-nos a afirmar que a novela é tão vista quanto falada pois seus significados resultam tanto da narrativa audiovisual produzida pela televisão quanto das intermináveis narrativas (presenciais e digitais) produzidas pelas pessoas. (Lopes, 2010, p. 4).

Esse contato com as narrativas e sentidos produzidos e reproduzidos nas telenovelas compõem uma espécie de arquivo. Esse “arquivo” se trata das memórias. Para Pollak (1992), as memórias podem ser individuais e coletivas. Vejamos os elementos que as constituem segundo o autor:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (Pollak, 1992, p.201).

Sobre esse assunto Halbwachs (1990) acredita que nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos. Segundo o autor, nunca estamos sós. Em conformidade, Huyssen (2000) acrescenta que as memórias fazem parte de um arquivo que é ao mesmo tempo pessoal e coletivo. De acordo com ele:

As memórias fazem parte de um arquivo ao mesmo tempo pessoal e coletivo e assim são retratadas e reproduzidas pelas mídias a fim de eternizá-las. Além dos fatos históricos, documentais e das práticas culturais cotidianas, a memória pode surgir ou ser reativada pela telenovela, que, por participar ativamente do processo de construção e resgate de um momento específico, gera uma relação emocional e afetiva muito mais intensa. Essa afetividade, no caso da telenovela, adquire proporções coletivas. Lembrando também que nos dias de hoje, a influência das mediações das novas tecnologias de mídia funcionam “como veículo para todas as formas de memória” (Huyssen, 2000, p. 20).

A telenovela como narrativa da nação: memórias e identidades

A mídia torna-se uma peça importante nas reformulações e resgates da memória daqueles que assistem e dos que são afetados de algum modo pelo conteúdo produzido por tal. No caso da telenovela brasileira, alguns membros pesquisadores do Obitel⁴, em suas pesquisas, a descreve repetidas vezes como “narrativa da nação”.

Dentre os aspectos que têm diferenciado a produção teleficcional brasileira dentro do conjunto dos países do obitel, talvez o principal seja o fato da telenovela brasileira, ao longo de seus quase 50 anos de encontro diário com o público, ter se tornado uma narrativa da nação. Consideramos essa hipótese como sendo heurística em vista da longa e profunda construção discursivo-cultural do país como “comunidade imaginada” em que a telenovela se tornou. (Lopes, 2010, p. 132).

É partindo do viés da telenovela como narrativa da nação que “se coloca a capacidade e a autoridade da televisão operar como agente da memória coletiva e nas identidades” Lopes (2010). Em razão do fato de que as fronteiras das coletividades se tornaram inseparáveis do uso dessa mídia. Nos gêneros midiáticos, nos processos de produção- e nos diferentes meios- estão localizados os espaços e lugares preferenciais em que se narra a memória de uma nação.

A telenovela nos transporta a um universo que é ao mesmo tempo ficção e espelho da realidade. Uma espécie de troca subjetiva. Sobre a interação entre televisão e a memória:

Muito além de apenas entreter, elas trabalham tanto no imaginário coletivo quanto nas memórias históricas e afetivas. A televisão, como parte integrante da família – ocupando lugares privilegiados da casa, e não só, – torna as cenas, as personagens e os acontecimentos das telenovelas elementos do cotidiano. Esse processo reflete as formas com que os indivíduos se apropriam de determinados acontecimentos do passado, elaborando e

⁴ O OBITEL - Observatório Ibero-americano da Ficção Televisiva - é uma rede de pesquisa internacional constituída por nove grupos nacionais de pesquisa, reunidos por um protocolo metodológico unificado para o monitoramento anual da produção de ficção televisiva em cada país, objetivando uma análise comparativa dessa produção no espaço ibero-americano. Os resultados desse trabalho foram publicados nos Anuários OBITEL (2007, 2008, 2009 e 2010)

incorporando à sua memória “elementos, personagens, histórias, músicas, rituais e visões de mundo que reforçam sua identidade” (Herchmann; Trotta, 2007, p. 72).

O modo de lembrar é algo individual, contudo, o grupo e relações em que esse sujeito está inserido pode ajudá-lo a reter, esquecer e até mesmo reforçar suas lembranças. Para Lopes (2010) a narrativa da telenovela pode ir coletivizando a memória individual e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. Assim como na memória, na recepção da telenovela “fica o que significa”. Para a autora a telenovela é um repertório comum de diálogo. Ela guarda e também faz guardar como registro de uma memória compartilhada, de um repertório compartilhado. Por isso, a entendemos como um lugar de construção e de arquivamento da memória coletiva. É, ao mesmo tempo, memória e arquivo.

Diante do material teórico exposto, pensar a telenovela como local de memória é oferecer a ela um espaço como recurso comunicativo no trabalho das memórias coletivas e na narrativa do imaginário social. Quando voltamos nosso olhar ao panorama de representação dos negros nas telenovelas e os estereótipos, nos deparamos com uma problemática.

[...] a perda de capacidade de classificar é insuportável tanto para os indivíduos quanto para os grupos: assim, os estereótipos serão, muitas vezes, as muletas de um pensamento classificatório frustrado ou posto em questão por uma massa de informações muito complexa ou desordenada. Do ponto de vista entre as relações de memória e identidade, a maneira pela qual esse pensamento classificatório vai se aplicar à categoria do tempo será fundamental, pois, tal como já falado no segundo capítulo as representações da identidade são inseparáveis do sentimento de continuidade temporal (identidade narrativa, apela à tradição, ilusão da permanência, fidelidade mais ou menos forte a seus próprios engajamentos, mobilização de traços historicamente enraizados no grupo do pertencimento etc). (Candau, 2016, p.84).

Se a mídia e a telenovela – como produto cultural de maior consumo no país- está diretamente ligada ao ato de lembrar e na reformulação e formação de memórias, qual o tamanho do problema identitário e de consolidação de memórias coletivas que reproduzimos e reafirmamos ao representar negros em esferas estereotipadas e depreciativas? Qual a afetação na construção e reconhecimento identitário da população negra do país? não é possível mensurar e responder essas perguntas com esse trabalho, no entanto, é possível refletir possibilidades e erguer considerações através dos autores aqui trabalhados.

Para Pollak (1992), se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos

sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.

Para ele:

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992 , p.204).

Para o autor, a importância de estudar memórias coletivas, nacionais, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. No contexto de uma perpetuação de representações depreciativas de negros, é necessário uma reflexão sobre quais sentimentos e afetações essas memórias causam no pertencimento e reconhecimento identitário dos afrodescendentes - a maior porcentagem populacional-brasileiros.

Considerações finais

Diante do apresentado, conclui-se que o problema da existência e reforço de estereótipos raciais presentes na sociedade é algo que se estende há anos dentro da televisão brasileira. O personagem negro aparece sempre limitado em suas possibilidades de atuação, sendo encaixado em papéis de subordinação aos brancos. Deste modo, a maneira com a qual o negro é representado também é perceptível como uma espécie de reflexo de sua trajetória histórica e social.

Partindo da discussão aqui proposta, concluímos também que tais representações podem atuar no imaginário social de maneira negativa, uma vez que a identidade dos sujeitos está sempre em construção. Para Lopes (2010) a narrativa ficcional televisiva aparece como um valor estratégico na criação e consolidação de novas identidades culturais compartilhadas, configurando-se como uma narrativa da nação.

A partir das discussões acima, entendemos que as telenovelas – e outros produtos midiáticos- podem atuar nas formulações e reformulações das memórias por tratarem de experiências compartilhadas com valores simbólicos em suas narrativas. Por isso, mais que uma modalidade de memória coletiva, a memória midiática vem ocupando uma posição central no imaginário coletivo do país. Por isso, estudar as relações entre mídia e lembrança é uma dimensão fundamental nos estudos de mídia e nos estudos de memória.

O Brasil é um país majoritariamente negro, mas, que uma pequena parte da população se reconhece como tal. Além da trajetória histórica do negro no país, a perpetuação de estereótipos e outras violências físicas e simbólicas são responsáveis por esse “não reconhecimento” étnico racial. Assumir-se negro é tomar posse de uma série de negatividade e violências que precedem e vão além da individualidade do sujeito. Mais do que nunca, torna-se necessário discutir as representações e a identidade negativa do negro brasileiro nas telenovelas.

Assim, é perceptível a necessidade de mais políticas públicas eficazes e documentos reivindicativos, como o *Estatuto de Igualdade Racial*, em sua tentativa de consolidação de uma sociedade mais igualitária como exemplificado neste artigo. Vivemos avanços significativos no que diz respeito à presença de personagens negros nas ficções seriadas ocupando papéis de reconhecimento e valorização social, contudo, ainda há muito em que se avançar para uma possível equidade. Tamanha discrepância representacional deixa como herança uma memória esvaziada e negativa, além de contribuições negativas e mistificadas no que diz respeito a identidade do negro brasileiro.

Referências bibliográficas

- Araújo, J (2004). *A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira*. 2.ed. São Paulo: Senac,.
- Bauman, Z (2006). *Identidade: Entrevista a Benedito Vecchi*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Bizzo, N (1995). Eugenia: quando a biologia faz falta ao cidadão. *Cadernos de pesquisa* 92, 38-52, 1995.
- Bhabha, H (2003). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Carneiro, S (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.
- _____ (2003). Mulheres em Movimento. *Estudos Avançados*. vol. 17 no.49 São Paulo Sept./Dec.
- Candau, Joel. Pensar, classificar: memória e ordenação do mundo. In: Candau, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016, p.83-104.

- Freyre, G. (1992). *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992. Primeira edição, 1933.
- Galton, F (1965) . Hereditary talent and character. *Macmillan's Magazine*, 12, p. 157-66, 31827.
- Hall, S. (2016) . *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- _____ (2013). *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv (Org). Belo Horizonte. Editora UFMG.
- _____ (2000). Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Herschmann, M.; Trotta, F. (2007) Memória e Legitimação do Samba & Choro no Imaginário Nacional. In: Ribeiro, A.P.G.; Ferreira, L.M.A. (orgs.) (2007). *Mídia e Memória: a Produção de Sentidos nos Meios de Comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X,.
- Lacerda, J. (1911). *Sur les Métis au Brésil*. Paris, Imprimerie Devougue.
- Lopes, M.I.V. et AL (2013). A Telenovela Como Fenômeno Midiático. In Lopes, M.I.V.; OROZCO GÓMEZ G. (orgs.). *Memória Social e Ficção Televisiva em Países Ibero-Americanos*. Porto Alegre: Sulina.
- Motter, M. (2003). *Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela*. São Paulo: Alexa Cultural, Comunicação & Cultura _ Ficção Televisiva.
- Munanga, K. (1999). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- Pollack, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- _____ (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, p.3-15, 1989.
- Sansone, L. (2003) Da África Ao Afro. Usos e abusos da África na cultura popular e acadêmica brasileira durante o último século. In: *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil* [online]. Salvador: EDUFBA, 2003, pp. 90-138. ISBN 978-85-232- 1197-4. Available from SciELO Books .
- Sodré, M. (1999). *Claros e escuros - identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Telles, E. (2003). *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Thompson, J. (2001). *A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda.